

O CATHARINENSE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO.

Este jornal publica-se as quartas e sextas-feiras de cada semana; assigna-se na typographia Catharinense, largo do quartel n. 41 á 5\$000 por anno e 3\$000 por semestre, pagos adiantados. Os annuncios dos Srs. assignantes, ate 10 linhas serão inseridos gratis, e para aquelles que não forem pagarão a 40 reis por linha.

O CATHARINENSE.

A CARISSIMA REDAÇÃO DO ARGOS.

sauda

O HUMILDE CATHARINENSE.

Sapientissime magister.

Quando julgavamos ter alguns dias de repouso por ver que vos achaveis abarbado a responder á tremenda catilinaria, com que vos mimoseou o maldito Cruzeiro, eis que brandindo temivel palmatoria descarregais bôlos mortificantes no pequenino e ignorado «Catharinense», cujo crime tem sido condemnar os vossos excessos na imprensa, para poupar á nossa terra o desgosto de testemunhar disputas que offendem o pudor, e deshonorão as instituições mais bellas, contrangendo-nos a amaldiçoar a liberdade do pensamento. E' mais um facto, que vem confirmar os antigos riffs—Lobo não come lobo—.

Entre ovelhas fazem-se Leão--

Podeis porem desenganar-vos, *delicadissimo Argos*, o mêdo nunca achou lugar em nosso peito. Temos por escudo uma consciencia tranquilla, e o testemunho de nossos concidadãos. Aqui nascemos, aqui vivemos, e aqui pretendemos morrer. Si grandes interesses não nos fizeram abandonar outr'ora o berço, se não houve *especulação*, que a tal nos obrigasse, menos poderá fazê-lo uma imprensa, que precipitada de abysmo em abysmo se tem embotado a ponto de já não ferirem seus golpes.

Acreditai, *delicadissimo «Argos»*, não temos tendencia para procurar discussões azedas: fugimos quanto podemos, da contusão: temos até aqui feito na imprensa um papel, que chamais ridiculo, mas que nós consideramos mais honroso, que o vosso, porque temos aconselhado discussão calma, uma linguagem decente e digna de homens honestos: porem sabeí, que quando se lancem

sobre nós accusações graves, ou nos vejamos ferido em nossos brios, não iremos derramar a bilis sobre aquelles que não nos offendem, não: havemos de repellir com dignidade a mão que nos fere, e com as armas da razão ou da justiça lavar a nodoa, com que se nos pretenda manchar aos olhos de nossos concidadãos. São estes os nossos principios e os de todos aquelles, que prezão mais que a vida a sua reputação.

Sempre, *delicadissimo Redactor*, sempre em vossos artigos restricções dubias... reticencias maliciosas... e uma linguagem de misterio embrulhada na mantilha da hypocrisia.... um falso zelo pelo restricto cumprimento dos deveres de outrem, como se sempre estivesseis em dia com os vossos.... confundindo sempre os diferentes caracteres do individuo, v.g. vingando no sacerdote os odios que nutris contra o cidadão..... e outras *amabilidades* desta bitola, só por espirito de maledicencia, e com o fim sorrateiro de desconsiderar-nos!.... E que lucros tão deslumbrantes esperais de semelhante empreza, para proceder com tanta deslealdade. A quem vistes empregar este systema brutal e repugnante em discussões serias entre pessoas, que se devem respeito e consideração? Franqueza, *carissimo Redactor*, nada de restricções mentaes. Si não vos julgais com forças para discutir principios, e ensaiar o seu triumpho, retirai-vos aos bastidores, e acautellai-vos nos redutos do silencio: não continueis nesse velho e carcomido systema de discutir individualidades, e levando uns ás regiões dos astros, e deprimindo a outros sem piedade. Não é assim de certo, que conseguireis fazer valer as vossas idéas; nem de modo tão insolito, que achareis quem abraçe vossas convicções. Um máo advogado deita a perder a boa causa. Os louvores mais justos perdem muito do seu valor, quando a boca que os dá na mesma occasião cospe injurias aos seus desaffectedos.

Não é preciso muito estudo, nem cabellos brancos para reconhecer os males, que hade causar á provincia em geral, e aos individuos em particular a desenfreada licença, com que se escreve. Atropellão-se todas as conveniencias; sacrificão-se as relações mais antigas, postergão-se as leis do decóro, da decencia e da propria dignidade, para tornar seu adversario politico o mais odioso aos olhos do publico. Entretanto passa a crise eleitoral, calmão os animos, dissipa-se a cegueira, em que as paixões os havia precipitado, e então não se envergonhão de confessar que respeitão as luses e virtudes de seus inimigos, a quem deprimião por conveniencia de partido. Tarde põem vem a satisfação, por que os males causados já não se reparão.

Parece que vos estamos lendo o coração, *delicadissimo collega*, e nelle descobrimos alguma cousa, que não é o que diseis. Vós estais convencido de que a posição do «Catharinense» se não é de rozas tambem não é despinhos; e em todo o caso não desdoura a sua redacção.

Si não fosseis dotado dessa tenacidade (q' aos olhos de alguns é virtude) em persistir no erro, de certo ja terieis confessado, que nos assiste rasão de sobra para stigmatizar o desregramento da imprensa. Deixando de parte os doestos, com que costumais molestar-nos *sò nas quadras eleitoraes*, commungareis nossas idéas a respeito, prestando assim um relevante serviço á provincia que habitaes. Aquelle (fallamos sem referencia) que podendo concorrer para que o orgão mais importante do pensamento se conserve n'altura de sua missão nobre e humanitaria, não o fez, antes procura faze-lo descer ao nivel da tasca, ou da possilga, é reo duas vezes, e responsavel na maior escala pelos males, que pudera ter conjurado, se outra fosse sua linha de conducta!... Porem vós, carissimo Argos, persistis em entreter-vos comnosco, como se fossemos temivel inimigo, ou o vosso pesadelo. Levais tão longe o desejo de magoar-nos, que para isso não temestes passar por demasiadamente *indulgente* para com aquelle, que lançou sobre vós o ultrage. Não é verdade que soffreis por vossa franqueza em denunciar os factos ao publico, como em outra columna de vossa folha de sabbado diz com toda a sem cerimonia o vosso elogiador anonymo D. A., que por sua modestia não se digua apparecer em pu-

blico, para termos o gosto de o conhecer, ou talvez porq' *os originaes não estavão em forma*, o que acontece quando ha confiança ilimitada no collaborador: si tem havido reclamações contra vós, são muito justas: por que umas vezes diseis o que não é; outras usais de frases equivocas, que geram graves suspeitas contra o character e probidade de vossos antagonistas; occasiões há que por falta de materia util desfigurai-vos em diferentes entidades, para obsequiardes a este e aquelle individuo com vossos costumados mimos. Não ha talvez meia duzia de pessoas nesta capital, que se gabem de estar illesos de vossa terrivel palmatoria. Olhai para aquelles, que hoje vos rodeão, e que para vos agradar talvez submettão o seu reconhecido criterio e intelligencia ao vosso infundado orgulho, e vereis n'ellos as marcas dos baldões, com que a vossa folha os cobrio em outro tempo.

Desculpai, *delicadissimo contemporaneo*, se excedemos um pouco em nosso justo resentimento. Estamos cheios de rasão. «O Catharinense» tinha direito a ser por vós tratado com mais generosidade. Proclamou-se em apoio á administração, que diseis, ou mostrais sustentar. Fizeste-lhe a injuria de não acreditar em seu programma; e alguma vez pareceo-nos que se ensaiava certas intriguinhas, que o vulgo denomina mexerico. Apresentou seus candidatos, e confrontou com os vossos, apreciando suas habilitações e seu merito. Longe de contestar-nos devidamente, soccorreste-vos a sedicção e insignificante anecdota do papagaio empinado (que crime horrendo e naudito!) não porque essa historieta nos traga algum desaire, mas só porque (vêde que mãos instinctos!...) ella presta lugar á allusões, e equivocos, que podem disvirtuar, e comprometter a seriedade de nosso character.

Alem disto imposemo-nos em nossos escriptos uma linguagem decente e honesta recommendamos aos contemporaneos que mantivessem-se no circulo das conveniencias sociaes, e que por nossa honra, por honra da provincia, e do cavalheiro cuja administração achamos de apreciar e defender, conservarem este methodo de discutir. E como respondestes, *delicadissimo Argos* a tão justo e tão consentaneo reclamo? Zombastes nossa recommendação; acolhestes com o ridiculo nossas palavras; e desprezando-as, olhastes para o individno, que as proferia,

e dicestes sem razão alguma--Ahí temos a-
quelle que dizia : fazei o que digo , e não o
que eu faço-- Sobrão-nos portanto razão
para queixarmo-nos contra o *delicadissimo*
Redactor, porque tem de sua parte concor-
rido para o estado vergonhoso e humilhante
em que se acha a imprensa da capital. Os
excessos do «Chaveco» provocaram os ex-
cessos do «Cruzeiro»; leião-se os ultimos nu-
meros destes sycophantas, e ver-se-ha que
em Santa Catharina nunca se escreveu com
semelhante de-ravoltura. Os proprios redac-
tores do «Argos», e do «Cruzeiro», que digão
se algum dia em sua vida trocaram-se epi-
tetos tão affrontosos.

Cônvirá por ventura a continuação deste
delirio febril, que se apoderou da imprensa?
Será a missão do escriptor assoalhar a vida
privada, ir atacar ao lar domestico dos cida-
dãos pacificos, inventar faltas e delictos para
lança-los a face de seus adversarios politi-
cos, quando os defeitos reaes destes são de-
masiadamente pequenos para ser apontados?
Não e mil vezes não... A missão do escrip-
tor publico é muito nobre; longe de ser o
verdugo de seus concidadãos, ella é uma
protecção viva, que falla em nome da lei;
longe de faser da imprensa o pelourinho pa-
rá dar *surras* (expressão do *Cruzeiro*) nos
seus desaffectedos, ella deve ser a garantia
reparadora da innocencia. Aquelle que se-
julga encumbido de reprehender e censurar
a cada passo os seus semelhantes, constituin-
do-se palmatoria do mndo, deve primeiro
escoimar-se da mais leve nodoa, que lhe
possa faser carga; e quando sob o pezo de
uma accusação, não deve procurar distra-
hir aquelles que esperão a justificação.

Pela nossa parte, ainda uma vez o afir-
mamos a face de Deus e dos homens, esgo-
taremos todos os nossos recursos com aquil-
las pessoas, que não estiverem obceadas pe-
la paixão e o despeito, para chamar a im-
presa ao desempenho de sua verdadeira
missão, embora se nos acene com allusões
injuriasas, doestos, e o ridiculo e se ouze
diser que mostramos nossos talentos para
faser juz a um emprego rendoso.

Estamos satisfeitos, com que somos, por
já sermos mais do que merecemos.

Em conclusão, carissimo redactor do *Ar-
gos*, depois de pedir-vos, que nos desculpeis,
se vos offendemos em alguma parte desta
missiva, por quanto não duvidaremos re-
itar qualquer expressão, que podesse ter-

vos molestado, resta-nos dizer-vos que os
nossas importantes questões são:

1.ª Si a nossa provincia deve ser repre-
sentada pelo Sr. Dr. Silveira e major Alvim,
ou pelos Srs. chefe de divisao Lamego e ca-
pitão Luz?

2.ª Si convem que a administração do
Illm. Sr. Dr. Francisco Carlos d'Araujo
Brusque, continue a ser sustentada por jor-
naes, que prestão suas columnas á artigos
injuriosos e ate obscenos?

3.ª Si tal procedimento, que repugna
com todos os principios de moralidade não
prejudicará no conceito do Governo Imperi-
al a bella causa, que defendemos?

DESTERRO 22 DE NOVEMBRO.

A logica dos factos, do—Progressista— não
mereceu a nossa sympathia, diz elle no seu n.
39, e não se enganou.

Tem gracejado conosco porque somos de
pequeno formato; o nosso papel é microscopico
e homeopathico; os vossos são grandes e mons-
truosos; um dos vossos candidotos é physica-
mente grande; são porem ambos os vossos can-
didatos homeopaticos e microscopicos, o primeiro
em saber; o segundo em tamanho. Estamos
pois pagos, gracejo por gracejo.

Gracejais ainda quando pareceis duvidar que
o vosso primeiro candidato não é orador, neu
sabedor, e que o segundo não é microscopico,
ou homeopathico.

Tambem temos a nossa logica de factos, e por
isso releve-nos o collega q' igualmente o moleste-
mos com a expressão da verdade, reservando para
outra occasião a justificação de nosso proceder.
Iremos acompanhando o collega sobre os factos:

1.º facto.— O collega esteve ligado com nos-
sos correligionarios de hoje, e fez parte da nossa
assemblea legislativa provincial no bienio de 1858
a 1859, onde foi p' d' mais caprichoso, tenaz, injusto
e ate imprudente para com elles e para com ella.

2.º facto -- Amanifestação por palavras e
por escripto repugnando e estigmatizando na
passada eleição a candidatura do Sr. Lame-
go, quando o collega se apresentava sup-
plente do Sr. Luz, ainda estão presente aos
votantes do Ribeirão, chegando o collega a
dizer em seu entusiastico patriotismo: que
seria a maior das vergonhas se o Sr. Lame-
go obtivesse um só voto em seu districto;
ate annuncios relativamente a este objecto
forão pregados na porta da matriz. Serião
tambem occorrencias que fizerão methamor-
fosear o homem estúpido e incapaz, para in-
signe orador e illustrado?

3.º facto -- O collega foi sempre intimo
e particular amigo do Dr. Silveira, tem si-

do igualmente um denodado apologista de seus talentos e illustração. Como pois se explica essa liga com o Sr. Lamego, quando na passada ele ção o detratou, e até abandonou seus antigos correligionarios por tel-o aceitado?

4.º facto -- O Progressista tendo-se proposto completa abstenção de escolha de candidato á supplicia, vio-se o seu partido com a presença do Sr. Luz forçado a mudar de rezolução. &.

Então o que significa aquella apresentação do Sr. Luz, nos primeiros numeros do Progressista, muito antes da chegada deste Sr. ?

5.º e ultimo facto. -- Retirado o collega de seus antigos correligionarios, e desemparrando seu illustre amigo, em quem reconhece capacidade, deixemos que os nossos leitores julguem se é justo ou injusto o seu alvitre.

Todos estes factos que tem-se dado até o presente contrastão com suas opiniões de outrora, e até mesmo com as de hoje, sendo á todas as vistas manifesta e flagrante a contradicção do collega, e enfallivel a logica dos factos.

Pedimos ao collega que se exprima com franquesa e sem prevençào.

Não ousamos avançar que o collega esteja despeitado; com tudo se o collega fosse por nós apresentado como suppleto, talvez fosse outro o seu modo de pensar.

Tambem suspeitamos que o collega amo estar na maioria, e julgando-se muito forte, seja esta a razão porque assim argumenta.

Não deixa de ser contraditorio o collega, quando reconhecendo muitas habilitações no Sr. Dr. Silveira, dá a entender que o Sr. Lamego e Luz lhe podem levar as lampas!

Disendo nõs que o Sr. Luz fora do numero de nossos distinctos discipulos, e que são nobres suas aspirações; negamos com tudo que se possa equiparar ao Sr. Dr. Silveira, tanto em illustração, como em pratica administrativa, e por esta rasão entendemos que este deve melhor representar sua provincia do que aquelle.

Mais diriamos se não quisessemos poupar ao collega o desgosto de nos ouvir, e por isso ficamos por aqui, promettendo-lhe de que no seguinte numero contestaremos algumas inexactidões, que se notão nos factos apoutados, os quaes produzirão contradicções, como acontece, quando a memoria do historiadador é algum tanto infiel.

O nobre collega e amigo, com quem temos hoje a honra de conversar sobre o passado, sabe que é um do nossos principios -- que o máo exemplo alheio a outrem não justifica -- e por isso não citamos as contradicções, que realção no procedimento politico do illustrado contemporaneo, para attenuar a gravidade das nossas, mas unicamente para que principiemos a questõo por definir o q' é -- contradicção -- e mostrar que a môr parte das vezes ella é apparente. Si porem apezar de nossa reconhecida pericia em manejar a penna ficarmos no fim da polemica reos confessos de flagrante contradicção, justifique-mo-la ambos, para não se entender com nosco aquella sublime sentença do Evangelho *Cæcus, qui cæcum ducit, ambo in foveam cadunt.*

NOTICIARIO.

O Progressista de hontem na parte noticiaria finge uma communicação, que lhe é feita de Lages, igual a que lhe fizeram da Laguna, com a mira somente de intrigar-nos com as pessoas respeitaveis desses lugares, em proveito de seus candidatos!

Não será isto um annuncio inequivoco de sua fraqueza e desmoralisação?

O Sr. Lamego é que procura fazer crer que influe perante o governo imperial fazendo promessas, que elle não pôde cumprir, de arranjar condecorações, empregos, e até de fazer deputados provinciaes aquelles que n'elle votarem. E o certo é que alguns patinhos vão cabindo.

PUBLICAÇÃO A' PEDIDO.

AMIGO E SR. F.

Sempre lhe quero dizer alguma coisa concernente aos negocios eleitoraes.

O Lamego quando d'aqui partio, depois de deixar as esusas de pedra e cal, senhor, por causa das duvidas, de encaixar-nos, assim sem a menor cerimonia, a lista dos futuros eleitores a seu geito e conforme sua alta e omnipotente vontade; alguns, porem, em quem ainda não está extinto o brio de suas dignidades, fiserão suas observações, e não se quizerão humilhar como servos e submeterem-se as ordens de tão injusto Sr.

E o que diz a esta?...

O que é certo é que elle em particular aos seus intimos disse; que isso me-mo tinha d' terminado em todos os lugares por onde havia passado, e que poria em pratica n'quelles aonde tinha de vesitar.

E' gracinha em que eu não lhe acho graça nenhuma.

O v'por está a partir, e não tenho tempo para mais. Sou seu &.

S. Francisco 26 de novembro de 1860.

Ty. Catharinense de G. A. M. Avelim -- 1860.